

RESUMO EXPANDIDO

Categoria

Simpósio Temático 03 - Cidade Saudável, Qualidade de Vida, Saúde e Meio Ambiente

ART DECO E FACHADAS: SIGNOS DO CENTRO HISTÓRICO DE ANÁPOLIS

Lucas Gabriel Corrêa Vargas (UEG); Lauana Gonçalves Rodrigues Costa (UEG)

1. O ADVENTO DA MODERNIDADE.

Os polos de desenvolvimento não existem de forma isolada, mas se ligam às suas regiões por canais onde se propagam preços, fluxos e antecipações. Os eixos de desenvolvimento surgem a partir da ligação desses canais, configurando no espaço presente: núcleos urbanos, vias de transporte de alta capacidade, sistemas de transporte adequado. Conectando cidades, num ritmo de desenvolvimento que formará futuras metrópoles.

A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas é um dos fenômenos mais característicos do final do século XX. “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem.” (HOBBSAWM, 1995, p.13)

A noção de eixo é incorporada pela noção dos ‘arranjos espaciais’, que geram pontos de ligações, compondo um cenário de intermediações, ou seja, o eixo não é apenas uma estrada, mas essa intermediação é conectada a uma estrada que abrange um conjunto de atividades complexas, dependentes de investimentos externos. “Ligado à estrada, deve haver todo um conjunto de atividades complexas que indicam orientações determinadas e duráveis de desenvolvimento adicional”. (ANDRADE, 1987, p. 66).

O Estado de Goiás era movido neste contexto por incentivo político e de grupos econômicos que defendiam a modernidade no Estado a partir dos meios de transportes, trazendo então a ferrovia. Incorporada na economia nacional primária, a ferrovia

RESUMO EXPANDIDO

representava o ingresso manufatureiro oriundo do eixo Rio/São Paulo, mas por Goiás se situar distantes das áreas de maior destaque para exportação acabou recebendo poucos recursos financeiros. O crescimento lento da estrada de ferro atrasou sua chegada na cidade de Anápolis, sendo inaugurada em 1935 como ponta de linha do ramal.

Os polos de desenvolvimento regional empenhavam-se cada vez mais para a manutenção dos terminais férreos em Goiás, isso levou a cidade de Anápolis a adquirir uma forte ligação com o sistema de transporte, mantendo suas características mercantis, pressupostas nesse velho modelo de desenvolvimento relacionado à linha ferroviária na sua malha urbana.

A década de 1950 foi um marco norteador das intensas ocupações que Anápolis ganhava, se expandindo demograficamente tornando-se o segundo município mais populoso do Estado de Goiás. Esse crescimento se ancorava historicamente na visão pretenciosa de “Manchester Goiana”, ainda em meados da década de 1920, já era mentalizada como polo industrial quanto à estrada de ferro, como menção à cidade de Manchester na Inglaterra, por sua forte economia industrial reconhecida mundialmente. A linha progressista que se engrenava Anápolis, rapidamente foi ocupada se tornando em 1950 um polo agroindustrial de Goiás.

2. A CHEGADA DA ART DÉCO EM GOIÁS.

Sobre o intenso desenvolvimento de Goiás e suas promessas, Anápolis era impulsionada não apenas pelas transformações agroindustriais do Estado, mas preservava na divulgação de “Manchester Goiana” as sombras da forte influência que o desenvolvimento europeu exercia no Brasil, que buscava estímulos para se desenvolver socialmente e economicamente. Perante todos os marcos do século XX em Goiás, sendo mais um reflexo das transformações no Brasil, acontecia em São Paulo a semana de arte Moderna no ano de 1922, que dos demais movimentos modernistas abrangia o campo da literatura; da fotografia; da pintura; da arquitetura, dentre outros, que colaboravam de maneira singular para o Brasil aderir ao Art Déco.

Teve sua origem em Paris, com a grande mostra Exposition Universelle des Arts Décoratifs, em 1925. Com uma estruturação compositiva cubista como base, integrada em seu vocabulário de formas, elementos oriundos de culturas e civilizações fora da tradição greco-romana ocidental.

RESUMO EXPANDIDO

A valorização destas artes fora da tradição ocidental, vem de encontro à difusão do cubismo com seu planejamento, disciplina, organização simplificadora da composição, onde convergem os vocabulários das artes não naturalistas, cujas formas possuem uma geometrização essencial e despojada; geralmente práticas de povos primitivos, como também de civilizações orientais. A arte decorativa Art déco, tornou-se internacional, expandindo-se pelo mundo ocidental até a Segunda Guerra e em alguns lugares, até o final da década de 40.

No Brasil, um pouco mais tardio, o Art Déco entra em convergência com o nacionalismo modernista, absorvendo temas indígenas - flora, fauna e motivos geométricos, inspirados nas cerâmicas marajoaras do Pará. Com grandes influências no país ganha opositores do modernismo como Vicente do Rego Monteiro, por ser pioneiro da pesquisa de temas indígenas, e os irmãos Antônio Gomide e Regina Gomide Graz, a que se soma John Graz, seu marido, foram os três principais difusores do estilo Art Déco. Atuaram não só na pintura, como na produção de objetos de decoração e arquitetura de interiores, como vitrais e painéis pintados com temas alegóricos decorativos, abajures, tapetes e almofadas.

A inserção do Art déco na arquitetura no Brasil começa então a ser praticado, como um processo evolutivo em contraponto com Art Nouveau, que não teve grande repercussão no Brasil, mas que se preocupando com a originalidade da forma, tinha relação direta com a Segunda Revolução Industrial e com a exploração de novos materiais, como o ferro e o vidro, o que para a época, já era considerado ultrapassado.

Sobre este cenário de revolução no país, movimentado pela semana de arte moderna, em Goiás era discutida a ideia de transferência da Capital, que até então se situava em Vila Boa de Goiás, na cidade de Goiás mais conhecida como Goiás Velho.

No passar do tempo, essa ideia mudancista se constitui nas efervescentes mudanças dos anos 1930, com a tomada do poder de Getúlio Vargas sobre o discurso de modernidade, a transferência se firma apoiada na decisão do governo de Pedro Ludovico. Segundo a Casa Civil de Goiânia, em 1932 foi assinado o decreto nº 2.737, de 20 de dezembro, nomeando uma comissão que, sob a presidência de D. Emanuel Gomes de Oliveira, então bispo de Goiás, escolhesse o local onde seria edificada a nova capital do estado. O Coronel Antônio Pirineus de Souza, sugeriu a escolha de três técnicos: João

RESUMO EXPANDIDO

Argenta e Jerônimo Fleury Curado, engenheiros, e de Laudelino Gomes de Almeida, médico, para realizarem estudos das condições topográficas, hidrológicas e climáticas das localidades de Bonfim, hoje Silvânia; Pires do Rio; Ubatan, atualmente, Egerineu Teixeira; e Campinas, hoje bairro goianiense, a fim de que, baseada no relatório dos técnicos, a comissão se manifestasse.

A construção da nova capital, Goiânia, exigia um profissional capacitado para se comprometer ao discurso de modernidade que norteava a transferência, assim o Governo contrata o urbanista Atílio Correia Lima. A imagem de progresso chega então em Goiás, traçada por Atílio, Goiânia se tornava um acervo mútuo de uma nova construção civil em Goiás, uma evolução político-econômica, refletida na arquitetura e no urbanismo, através dos símbolos que expressavam a beleza e a modernidade desse novo tempo, pela introdução do Art déco.

Paridade de acabamento com os construídos no Rio de Janeiro e São Paulo. Essas obras são as primeiras aqui edificadas, elas têm, portanto, uma função altamente educativa esta função profundamente psicológica, profundamente educativa que essas obras necessariamente têm de cumprir, têm sido o motivo de nosso zelo em dar-lhes um acabamento o quanto possível perfeito. (Relatório Coimbra Bueno, pag. 10, 1936).

O Art déco marcava os primeiros edifícios públicos institucionais, pois buscavam a urbanidade e o cosmopolitismo da época. Esses prédios eram construídos com pouca verba e com a necessidade de rapidez, por isso se tratam de obras singelas, apresentando o caráter Art déco nos detalhes que funcionam como recursos estilizadores do projeto, tendo, entretanto, caráter estético notável do estilo. Podemos encontrar aspectos do Art déco na cidade a partir desses edifícios institucionais que abriram o espaço para outros incentivados pelo governo a esse “progresso”, e foi se espalhando em igrejas como a Igreja Ateneu Dom Bosco, em mobiliários e elementos urbanos como a Mureta do Lago das Rosas, e em muitas residenciais e comerciais, que ainda persistem na capital. Goiânia confere um acervo de Art déco e de outros estilos também interessantes e que deveriam estar sendo bem preservados, pois é parte da história dos goianos e serviu como base para o espalhamento do estilo em outras cidades do Estado de Goiás, como a cidade de Anápolis, a caminho da modernização.

3. ART DÉCO EM ANÁPOLIS

RESUMO EXPANDIDO

A nova Capital Goiânia, transcendia o progresso na arquitetura, se tornando influência para Anápolis, que não apenas buscava, mas como parte de sua própria formação, com a chegada de imigrantes pela inauguração da Estação Ferroviária em 1935, a modernidade era essencial no seu contexto histórico, a estação expressa um dos principais símbolos da Art Déco na cidade de Anápolis.

Anápolis foi duplamente beneficiada com a sua chegada. Primeiro, pela própria implantação da estrada de ferro, contribuindo para dinamizar a economia da região; segundo porque a cidade passou a ser ponto terminal dos trilhos, servindo como entreposto comercial na troca de mercadorias de vasta região do Estado de Goiás. (POLONIAL, 2000, p.56).

Segundo Polonial, 2000, embora Anápolis tenha uma arquitetura rica em estilo Art Déco que merece ser preservada, talvez com a criação de um espaço revitalizado no centro, a cidade possui, hoje, apenas nove monumentos considerados, por lei, patrimônio histórico, ficando de fora parte importante dessa arquitetura.

Anápolis se expandia sobre a imagem dos trilhos, a Art Déco representava a repercussão do discurso de modernidade traçando a partir daí sua memória e monumentalidade. O decorrer do tempo dava espaço para o novo estilo moderno, que substituíva timidamente as primeiras casinhas coloniais que caracterizavam as primeiras ocupações no dia 05 de Abril de 1870, quando Gomes de Sousa Ramos obteve uma doação de uma gleba de terra para a construção de uma capela em homenagem a Nossa Senhora Santana.

A Art déco era mantida como causa de preocupação, para com o valor histórico que a sociedade produzia, e em Anápolis essa arquitetura foi considerada patrimônio histórico. Pode ser ainda considerado muitos dos elementos primordiais um acervo de patrimônio industrial, considerando o impulso da modernidade anapolina a industrialização da cidade.

O termo patrimônio, Choay (2001), tem origem nas estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade. Proveniende da palavra herança, essa transmissão ou transferência de uma geração para a seguinte, seja de uma propriedade ou de um saber, é de vital importância para a continuidade de um grupo social.

RESUMO EXPANDIDO

A expressão patrimônio suscitou uma série de adjetivações ao longo do tempo, como histórico, artístico, natural, urbano, cultural, entre outros, tornando-o um conceito nômade, como apontou Choay (2001). Por patrimônio histórico entende-se um conjunto de bens de determinada sociedade que relata o seu passado comum, que concernem arquitetura, objetos, meios de transporte, obras de arte, documentos, etc.

Entretanto, parte dessa arquitetura que se mantém tombada e é patrimônio histórico municipal, ainda não protocoladas são acervos inerentes à história, o Coreto da Praça James Fanstone; o Palácio Cultural (antigo Fórum de Anápolis), além de antigos estabelecimentos comerciais e residências existentes no centro de Anápolis, dentre outros.

Os principais edifícios públicos aí implantados passaram por remodelações de caráter modernizador, com destaque à prefeitura com elementos característicos do Art Déco. Essas melhorias urbanas promovidas pela administração municipal, reforçava o desejo de modernização da sociedade, promovendo espaços públicos para a expressão cultural da sociedade, notadamente as festividades. (MANSO, pag. 347, 2004).

A desejo de modernidade, portanto, foi cunhada pela renovação urbana inicial com edifícios oficiais em Art Déco, a construção de praças com tratamento paisagístico, e o alargamento das vias principais. O objetivo dessas ações era aliar o desenvolvimento econômico da cidade com o ideário modernista, eliminando quaisquer resíduos de atraso do período colonial. Contribuiu para a renovação urbana a expansão da cidade ao leste, ultrapassando os elementos reguladores do crescimento urbano, notadamente os cursos d'água e a ferrovia como limites iniciais da cidade. Exatamente o que se tornava a construção da nova Capital, Goiânia, sendo em Anápolis também expandida pelas influencias dos edifícios com carácter público. As Obras se assemelham não apenas no carácter físico dos elementos, mas servem de referência para localizar-se dentro da cidade, além de seu aspecto de abandono evidentes.

4. A CONTEMPORANIDADE SOBRE A HISTÓRIA E A PRESERVAÇÃO DAS FACHADAS COMO MEMÓRIA DO POVO.

As linguagens do Art. Déco podem ser observadas em suas formas retas, simetria, cores claras, cadência e ritmo na colocação das aberturas e no uso da platibanda como forma de esconder o telhado. No entanto, as edificações, que pertencem

RESUMO EXPANDIDO

a várias tipologias, apenas possuíam referências à linguagem Déco, o que de acordo com Vargas (2010), se restringia a detalhes ornamentais aplicados em fachadas de construções cujas características em termos de implantação, tecnologia, volumetria e organização dos espaços – seguiam modelos atrelados ao passado.

Segawa (2008, p. 72) afirma que “nas cidades construídas nos anos de 1930 - 1940 há uma verdadeira concentração de arquitetura popular de gosto déco, nas mais variadas interpretações possíveis e imagináveis”. Os exemplares do movimento déco em Anápolis apresentavam, em sua maioria, elementos ornamentais nas fachadas, havendo poucas edificações com características mais expressivas do movimento, como os jogos de volumes. “A continuidade de soluções arquitetônicas tradicionais era evidente nas residências, sendo mantido o sistema construtivo tradicional e distribuição de ambientes, enquanto sua fachada exterior começava a ser revestida por diferentes ornamentos”. (MELLO, 2015, pag. 447).

O uso da platibanda, que escondia os telhados comuns em telhas de barro, só foi possível graças ao uso de rufos e calhas internas; arranjos de coberturas com quatro águas se tornaram mais frequentes nas maiores edificações. Grande parte das platibandas foi construída em reformas, sendo que em outras cidades fazia parte da legislação municipal a execução das platibandas, afim de que o conjunto da cidade representasse como um todo a aparência do progresso.

Nos edifícios de uso coletivo e públicos, nos cinemas e na prefeitura as composições do movimento Art déco se destacavam segundo Mello (2006); o gabarito das edificações com pé direito maior que o das residências, com dois ou três pavimentos, a quantidade e regularidade de esquadrias e aberturas nas fachadas e os metais das aberturas tinham maior destaque em relação às outras edificações. Em relação as residências, poucos projetos conseguiram representar as características formais do movimento art. Déco.

Composição das residências: base, corpo e coroamento era evidente, bem como os recortes nos volumes. Metais dos balcões e esquadrias eram raridade, dada a dificuldade de transporte até a região. Os recuos em relação à testada frontal dos lotes criavam uma descontinuidade com a maioria das casas alinhadas, conferindo maior destaque à edificação. Em relação às cores utilizadas os registros fotográficos não

RESUMO EXPANDIDO

elucidam muito a respeito. Percebe-se, no entanto, certa preferência pelos tons pastel e presença de contrastes entre claro e escuro.

Muitas dessas fachadas continuam intactas, porém sem visualização, devido às placas e painéis de lojas e outras empresas comerciais nelas instaladas. Mas, é uma arquitetura rica em estilo Art Déco que merece ser preservada, cabe aqui o tombamento como premissa de um vínculo e cuidado governamental, para que a sociedade possa se posicionar quanto aos elementos históricos e conservacionista da história dos anapolinos. A paisagem, assim como o espaço, altera-se continuamente para poder acompanhar as transformações da sociedade. A forma é alterada, renovada, suprimida para dar lugar a uma outra forma que atenda às necessidades da nova da estrutura social. (SANTOS, 2004, p.53).

Anápolis assim como outras inúmeras cidades brasileiras possui seus patrimônios históricos e sua importância relacionada às transformações socioeconômicas e culturais desenvolvidas ao longo dos anos, atreladas às suas construções, objetos e artefatos como elementos importantes na composição da história. Mas, muito desses bens se encontram em péssimo estado de conservação e outros chegam até mesmo a deixar de existir devido às mudanças impostas pela própria dinâmica socioeconômica das cidades.

Nada substitui o objeto real como fonte de informação sobre a rede de relações sociais e contexto histórico em que foi produzido, utilizado e dotado de significado pela sociedade que o criou. (HORTA, 2005, p.9). As casas, prédios, praças, monumentos Anapolinos encontram-se em grande maioria atualmente “escondidos” ou retirados para dar lugar a novos empreendimentos, usos e funções. Isso ocorre principalmente na área central da cidade em que a refuncionalização dos espaços urbanos transformam tais construções para atender a demanda comercial e de serviços.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

As décadas de 1930 a 1950 foram primordiais para a evidente transformação Anapolina, que mergulhou num acelerado processo de formação e influências externas para o seu quase “forçado” desenvolvimento. O produto dessa experiência permanece entre os cidadãos Anapolinos, que hoje, talvez pelo distanciamento temporal, não os permite perceberem de forma nítida a importância dessas construções e cenários, na construção do imaginário das pessoas que passaram

RESUMO EXPANDIDO

pela experiência. Contudo, um olhar mais cuidadoso sobre nós mesmos será capaz de provar o quanto estamos ainda hoje impregnados de todos os valores ali difundidos. O reconhecimento deste fato, portanto, não implica uma crítica saudosista de tempos que não voltam mais, mas apenas nos ajuda a esclarecer as peculiaridades de um período histórico sem precedentes do Município de Anápolis, no qual a Art Déco teve participação inquestionável, além das duas capitais do Estado, precedidos pela chegada da Estrada de Ferro.

Mas a preservação de patrimônios históricos como os apresentados aqui, seria um dever da população e legalmente dos órgãos competentes por meio de políticas públicas? Preservar não é apenas guardar um objeto e conservá-lo, ela garante acima de tudo a integridade da memória social que uma comunidade constitui a partir de sua evolução. A integridade desses bens materiais e imateriais são assegurados pelo próprio povo, e a ausência e negação daquilo que temos, é a perda das próprias tradições culturais vividas, é o que leva ao abandono de qualquer elemento histórico, resultando em um povo sem identidade e sem herança. Portanto, a preservação permite diferenciar os homens em diversas culturas e costumes, e é um dever da sociedade, afim de transmitir essa carga cultural de geração em geração, mas é claramente descrito o desrespeito por esse zelo, quando necessitamos de práticas legais a fim de “forçar” esse reconhecimento social, sendo refletido na violação da memória.

Palavras Chave: Anápolis; Fachadas; Art; Deco; Modernidade

Referências:

ANDRADE, Manoel Correia de. Espaço, polarização e desenvolvimento: uma introdução à economia regional. São Paulo: Atlas, 1987.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Ed. Unesp, 2001.

GOVERNO DE GOIÁS. Goiânia Goiás – GO. IBGE, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/goias/goiania.pdf>> acessado em 10 de abril de 2016.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. O objeto cultural como fonte primária de conhecimento. Guia básico de educação patrimonial, Brasília. v.1n.1,6-65, dez.2006.

RESUMO EXPANDIDO

HOBBSAWM, Eric John Ernest. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. (org). Goiânia Art Déco: acervo arquitetônico e urbanístico - dossiê de tombamento. Goiânia: SEPLAN, 2004.

MELLO, Márcia Metran. Goiânia: cidade de pedras e de palavras. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

MELLO, Márcia Metran e VARGAS, Lucas Gabriel Corrêa. A Utilização De Ornamentos Do Movimento Art Déco, Em Fachadas Na Cidade De Anápolis, Go. Seminário Internacional de Arquitetura, Tecnologia e Projeto 03 a 05 nov, Goiânia, 2014.

SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem. 5ª. ed. São Paulo: Edusp, 2004, www.iphan.gov.br. Acesso em 15/11/2009.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. 3ª ed. São Paulo: Usp. 2010. 224 p.

POLONIAL, Juscelino. Ensaios sobre a história de Anápolis. Anápolis: Associação Educativa Evangélica, 2000.

VARGAS, Lucas Gabriel Corrêa. O estilo Art Déco e o Antigo Fórum, da cidade de Anápolis, GO. Anápolis, 2010.